

A IMPORTÂNCIA DA COMUNIDADE SURDA, IDENTIDADE SURDA E A CULTURA SURDA.

Araceli Catieli Ferreira de Santana¹
Tutor; Ericson Gustavo José de Santana²

RESUMO

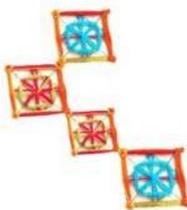
Este artigo tem o objetivo de analisar a importância da cultura, comunidade e identidade surda do ponto de vista da pessoa surda, no município do Recife, navegando no paralelo entre cultura surda e a cultura ouvinte, embasando-se, inicialmente, no contexto histórico e mostrando os marcos legais e melhorias conquistadas ao longo do processo. Durante muito tempo - desde os tempos das antigas civilizações persa e egípcia - esta parcela da população teve seus direitos negados e suas vidas controladas pela aristocracia da época. Esta minoria, em função da pouca representatividade, sentiu a necessidade de se agrupar para encorpar a luta na conquista de seus direitos, para garantir a liberdade de tomar suas próprias decisões, no que diz respeito à língua de sinais, renunciando o que seria a formação da comunidade, identidade e cultura surda. Este escrito servirá para desmistificar paradigmas e trazer à luz o conhecimento da correta abordagem sobre este assunto.

Palavras-chave: Cultura surda. Identidade surda. Comunidade surda. Surdo.

1. INTRODUÇÃO

Aristóteles argumentava que “os ouvidos são os ‘órgãos’ mais importantes para a educação”, então, como ensinar e educar alguém que não consegue ouvir e falar? A fala vem acompanhada por muitos estereótipos impostos pela comunidade, como por exemplo: quem não fala não se comunica, não tem pensamentos, não interage com o mundo, não pode ser humano! Esses argumentos eram frequentes entre autores da época como Aristóteles, Hipócrates, Heródoto e Sócrates.

Os estereótipos apontados às pessoas surdas são motivados basicamente por não terem uma das características mais marcantes da humanidade que é a língua falada. O sujeito surdo era privado de partilhar da convencional cultura ouvinte oralista, por isso a cultura surda nasceu da necessidade de uma minoria que se identificava através da Língua de Sinais (LIBRAS), formando grupos para melhor comunicação e aceitação do ser surdo, alcançando expressivo crescimento e visibilidade. À medida que os valores, símbolos e atitudes da comunidade surda eram difundidas, várias camadas da sociedade perceberam a importância de apoiar a causa em forma de cumprimento da cidadania: famílias, professores, intérpretes de libras e amigos que se identificavam ou se compadeciam com o seu histórico de vida começaram a acompanhar os surdos na empreitada. O surgimento de clubes e associações para surdo denota o apoio recebido, fixando as raízes das características culturais da comunidade surda aceitas pela sociedade, tanto que uma dessas características é batizar as pessoas com sinais, “que se entende como seu nome em Língua de Sinais”. É por meio de todo esse histórico que o surdo constitui sua identidade surda em constante evolução, acompanhando as mudanças do ambiente cultural estabelecido pela sociedade e formando a sua identidade.



Neste artigo serão definidos os conceitos de cultura e identidade surda bem como a apresentação do processo histórico da comunidade surda com o objetivo de embasar as motivações sociais para a criação de uma associação ligada às lutas dos direitos enquanto cidadãos. Espera-se também que este artigo desperte no leitor a busca pelo conhecimento da comunidade surda, e não apenas desta, mas de outras minorias semelhantemente estereotipadas e traga à luz a importância de apoiar e participar ativamente deste ato de cidadania que é a interação entre todos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

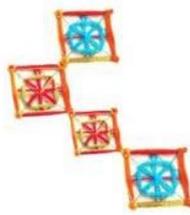
Os relatos históricos antigos mostram que algumas civilizações não reconheciam o surdo como um ser comum, submetendo-os à exclusão do meio social. Roma por exemplo, não só excluía os surdos do convívio social como também chegava ao extremo de condenar à morte, independentemente de seu status social. Na Grécia os surdos eram tratados como seres incompetentes, já no Egito e na Pérsia os surdos eram vistos como deuses, respeitados como se fossem comunicadores secretos entre os deuses e os faraós. Para a maioria das civilizações da época, os surdos não tinham aceitação no meio social por não serem reconhecidos como humanos. (CARVALHO, 2007).

Na idade média, Segundo Capovilla & Raphael, os surdos eram tratados como seres sem pensamentos, não eram considerados dignos de viver e assim como os condenados pela inquisição eram lançados na fogueira. Acreditava-se que os surdos não tinham alma, por isso não poderiam proferir sacramentos. Até mesmo no âmbito do direito dos cidadãos, existiam leis que proibiam os surdos de receberem herança (Carvalho, 2007).

Na idade moderna, a partir do século XV, os nobres da época com filhos surdos preocupados com a rejeição da sociedade e medo de perderem sua herança, utilizaram-se do seu alto nível de relacionamento econômico com a igreja católica solicitando que os enviassem ao Monge Pedro Ponce De León com o objetivo de integrá-los à sociedade. Nesta época, de acordo com STROBEL, os monges na Itália faziam voto de silêncio tendo que, consequentemente, utilizar uma linguagem de sinais que permitisse a comunicação entre eles. León praticava voto de silêncio o que o levou a desenvolver, com o passar do tempo, uma linguagem própria de comunicação através de gestos. León passou a dedicar-se ao ensino do sacramento e promovia sua comunicação com Deus, com isso, ele manteria próximos os pais do surdo nobre e suas contribuições financeiras, Moura (2000 p. 18). Pedro Ponce De León foi um dos pioneiros na pesquisa da comunicação entre os surdos desenvolvendo o alfabeto manual e fundou a primeira escola para surdos em Madri, consagrando-se por este feito como o pai da educação de surdos (MOURA, LODI, HATTISON, 1997).

De acordo com Gomes 2008, embora os avanços com a pesquisa na comunicação com surdo tenham sido promissores, o alfabeto criado por León ainda não oferecia condições de o aluno surdo se comunicar plenamente, ficando a cargo do padre espanhol Juan Pablo Bonet dar continuidade ao ensino usando datilografia, oralização e a criação da escola de professores para surdos. As ações de Bonet elevaram o patamar do surdo à comunicação e o direito à herança, antes negada. (JANNUZZI, 2004).

O primeiro a desenvolver um método eficaz de comunicação entre os surdos foi Jon Bulwer, médico Inglês que defendia que a língua gestual deveria ser a primeira língua



do surdo (SOARES, 1999). Ainda nesse período quem abre a primeira escola de surdos na Inglaterra é Thomas Braidwood, com o método oralista. (STROBEL, 2009).

Na idade Contemporânea, Segundo STROBEL, L'Epée já havia fundado 21 escolas para surdos na França e na Europa. Ele ainda contribuiu com a comunidade surda desenvolvendo o método manual e oralista, que segundo GREMION, foi a primeira vez na história que a comunidade surda adquiriu o direito de se comunicar na sua língua materna, dando, com isto, o reconhecimento de que a língua gestual deve ser parte integrante do surdo desde seu nascimento. (Língua de sinais).

O congresso de Milão foi um grande regresso na comunidade surda. Esta convenção proibiu terminantemente que os surdos utilizassem a língua de sinais. O congresso aconteceu no ano de 1880 no período de 06 a 11 de setembro e contou com a participação de 182 especialistas ouvintes na área de surdez de países como Alemanha, Bélgica, Canadá, Estados Unidos, França, Inglaterra, Suécia e Rússia (SILVA et. Al, 2006).

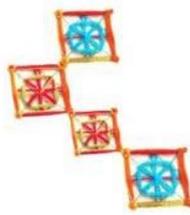
No Brasil, o ensino dos surdos iniciou por causa da família de Dom Pedro II. STROBEL relata que o genro de Dom Pedro II, casado com a princesa Isabel, era parcialmente surdo e com a chegada do seu filho, também surdo, houve interesse por parte do imperador em apoiar Huet na implantação de uma escola para surdos no Brasil. (REIS, 1992, P.5).

O imperador Dom Pedro II, contratou o conde e professor surdo E. Huet, ex-diretor do instituto de Bourges, na França, para estabelecer a primeira instituição educacional para surdos no Brasil. (RONICE, 2017).

Por volta do ano de 1857 surge a primeira escola de surdos no Brasil chamada de “Instituto Imperial de Surdos-Mudos”, atual “Instituto Nacional de Educação de Surdos”, (INES), no Rio de Janeiro. O INES era uma escola referência para os países vizinhos, e a busca para estudar na instituição era constante. (ROCHA, s.d.). No ano de 1875 um ex-aluno, Flausino José da Gama lança o primeiro livro de surdo no Brasil. Em 1923 surge a primeira Associação Brasileira de Surdos, fortalecendo ainda mais a comunidade surda ao mesmo tempo em que várias tentativas de mudanças e melhorias para a comunidade surda aconteciam. Finalmente no ano de 2002 é consolidada a regularização da Libras no Brasil, com a Lei 10.436.

CULTURA E CULTURA SURDA

Existem vários conceitos e indagações sobre o que é cultura, não existindo ao certo uma definição específica, visto que a mesma está associada às mais diversas representações do diversificado convívio social. Por muitas vezes, o termo “cultura” é limitadamente atribuído a manifestações artísticas, cerimônias tradicionais, lendas, gastronomia e linguagem como informa STROBEL (2016, Cap. 1, pág. 19, 2º Parágrafo). Mas SANTOS afirma em seu livro que a cultura diz respeito a toda a humanidade e ao mesmo tempo a cada povo, nação ou sociedade. Em suma, cultura é um conjunto complexo de regras, costumes, crenças e particularidades vivenciadas por um grupo de pessoas das mais variadas comunidades, que são passadas entre as gerações, concatenando-se em um modelo comum de sociedade. Obviamente o conceito supracitado não é a verdade absoluta do que seria “cultura”, mas apenas um braço desta teoria, pois não seria possível sintetizar em um só texto todos os estudos e pesquisas produzidos para definir este termo.



Diante de tantas diversidades de grupos, povos e nações que tem a sua cultura queremos dar ênfase a cultura surda. Mas afinal, existe cultura surda? Se existe qual é a sua finalidade?

Considerando o histórico antigo pouco vitorioso, os surdos exerciam pouca representatividade, prova disto é que de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) existem cerca de 6,2% de deficientes no país: auditiva, visual, física e intelectual, sendo que 1,1 % destes corresponde à parcela da população surda. Esquecidos e marginalizados pela sociedade, como alternativa vislumbraram a necessidade de unir-se em pró da causa dos surdos. Entre o final do século XX e início do século XXI, os grupos minoritários formados por deficientes de várias categorias, inclusive surdos, mostraram intensidade nos movimentos em busca de seu espaço nas mais variadas camadas da sociedade. (STROBEL). A cultura surda começou a circular no Brasil por volta dos anos 80, mas este conceito já vem sendo praticado há mais tempo do que se pode dimensionar, porém, em menor escala e de forma pulverizada (GOMES, HEINZELMANN, P.21).

Assim como ocorre em diferentes culturas, a cultura surda - formada principalmente em função da língua de sinais em comum - é um padrão de comportamento, compartilhado pelas pessoas surdas, trocando experiências com os seus semelhantes, como valores, crenças, literatura ou eventos sociais, sejam eles formais ou informais, caracterizando um tipo de sociedade. (PERLIN, THOMAS, LOPES, 2004). Arelado ao conceito de cultura surda, está uma das mais importantes características que é a experiência visual do surdo, sendo esta a porta de entrada do processo de aprendizado e absorção dos hábitos cultivados pelos integrantes desta cultura, muito embora exista outros artefatos culturais como relata STROBEL. A cultura surda busca incessantemente promover adaptações nas diversas instituições culturais com o objetivo de tornar o meio em que vive habitável e acessível de forma que suas necessidades sejam plenamente atendidas.

O objetivo do movimento é rever as forças subjacentes nos estereótipos encontrados nas diversas instituições sociais, bem como, interpretações de surdos ou ouvintes isolados não constantes da cultura surda; questionar as experiências ideológicas de suas experiências, ajudar os surdos a descobrirem interconexões entre a comunidade cultural e o contexto social em geral; em suma, engajar-se na dialética do sujeito surdo. (SKLIAR, 2011. P.70).

IDENTIDADE SURDA

Não se pode falar de identidade sem falar de cultura pois ambos estão ligados: um é o agente, o outro é reagente. Cotidianamente o indivíduo está inserido em grupos sociais como escolas, família, trabalho, igreja, amigos, absorvendo voluntária ou involuntariamente informações comportamentais e ideológicas daquele convívio, desenvolvendo assim as próprias características, ou seja, o desenvolvimento identitário se dá devido às influências dos meios sociais e experiências pessoais. (HALL, 2006, p. 13).

Sendo assim, podemos definir identidade como um conjunto intrínseco da natureza humana, construído através de um processo sociocultural, que resulta em um padrão diferenciado de comportamento, pensamentos e atitudes relativamente estáveis, exclusivos a uma única pessoa. CASTELLS



Analogamente ao conceito de identidade, a Identidade Surda consiste no conjunto de influências e experiências adquiridas pelo surdo na comunidade surda. O conjunto destas experiências, especialmente no que se refere ao artefato cultural visual, dá lugar a uma pluralidade de outras identidades onde os surdos podem ser enquadrados. Segundo PERLIN existem sete tipos de identidades surdas criando um espaço cultural dentro das diversidades de culturas.

1 Identidade Surda Política

Essa identidade surda é marcada por pessoas de forte personalidade, que lutam pelos seus direitos e pelos direitos de sua comunidade. Essas pessoas conhecem as leis especialmente com relação ao surdo, sabe pouco ou até nem sabe o português escrito ou a língua falada, porém executam perfeitamente a libras. São influenciadores, estrategistas e procuram fortalecer o melhor envolvimento da cultura surda no geral.

2 Identidade Surda Híbrida

É composta geralmente por surdos que nascem ouvintes e por algum motivo de doença ou acidente perdem a audição. São pessoas que transitam nos dois universos linguísticos, sabem bem o português escrito, a libras e faz leitura labial. São pessoas que não têm dificuldade em comunicar-se com ouvintes, é oralizado, conseguem entender e serem compreendidos. Aceitam-se como surdos.

3 Identidade Surda Flutuante

São surdos que não têm contato com a comunidade e cultura surda. Os estereótipos colocados nas pessoas surdas os constroem por isso não aceita a língua de sinais, não aceitam o interprete de libras, eles se sentem ouvintes, participam do mundo dos ouvintes e orgulham-se por serem oralizados e saber falar. Sentem-se inferiores aos ouvintes por não conseguirem acompanhar o que a cultura ouvinte oferece.

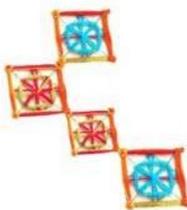
4 Identidade Surda Embaçada

Não fazem parte de nenhum dos mundos, não sabem a língua de sinais nem o português. Normalmente as famílias destes surdos não tiveram a orientação adequada na educação. Muitas vezes ficam dentro de casa, presas, consideradas loucas, tendo suas decisões tomadas pelos cuidadores.

5 Identidade Surda de Transição

Acontece geralmente aos surdos que são filhos de pais ouvintes que o criaram na cultura ouvinte inserindo-se na comunidade surda e adquirindo sua identidade tardiamente. Mais tarde o surdo encontra a identidade surda e se identifica, e passa por essa transição, mais a cultura ouvinte já está enraizada, a pessoa surda fica nessa constante transição, constante guerra consigo mesmo.

6 Identidade Surda Diáspora



É composta por surdos que transitam entre várias comunidades e culturas surdas de vários estados, países e regiões, sendo fortemente perceptível a diversidade cultural adquirida.

7 Identidade Surda Intermediária

Não apresentam surdez profunda. São usuários de aparelhos para surdez, não aceitam interpretes de libras, não participam de comunidades ou culturas surdas, acham-se superiores aos surdos. Essas pessoas têm dificuldade em encontrar sua identidade, visto que nem são surdos nem ouvintes.

Essa variação de identidades surda acontece porque a maioria dos surdos nascem de pais ouvintes, inexperientes e mal orientados. A surdez precisa ser detectada logo nos primeiros meses de vida para que sejam tomadas as devidas providências, garantindo uma vida mais saudável física e psicologicamente. O fato de existir esta classificação não limita o surdo a adquirir outras identidades através de outras experiências adquiridas.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Segundo Lakatos e Marconi (2007), a escolha da pesquisa propicia aos pesquisadores, em qualquer área de atuação, a orientação geral e facilita o planejamento, a formulação de hipóteses, a coordenação de investigação, a realização das experiências e a interpretação de seus resultados.

Assim, neste capítulo, apresentaremos o método que foi utilizado para realizar a nossa pesquisa, como também, quais os instrumentos usados para a coleta de dados, o cenário e os indivíduos participantes da investigação.

A pesquisa foi desenvolvida numa abordagem quantitativa e conforme preconiza Minayo (1994, p.16) afirma que a metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade).

Nesse contexto, como instrumento de pesquisa, foi utilizada entrevista semiestruturada, visando obter maiores conhecimentos sobre a prática e visão dos surdos sobre a Cultura, Comunidade e Identidade Surda, além, do grau de importância que esses artefatos culturais têm para os mesmos, procurando entender qual a influência dos processos culturais na manutenção de seus direitos e qual a contribuição destes artefatos na construção de uma sociedade mais tolerante as pessoas com deficiência auditiva.

Segundo Gil (1999, p.121), a entrevista é uma técnica em que o investigador se apresenta à frente do investigado e formula perguntas com o objetivo de obtenção de dados que interessem à investigação, ou seja, é estabelecida uma interação social.

Ademais, a pesquisa foi realizada entre os dias 10 de setembro de 2018 e 15 de outubro de 2018, e utilizamos como instrumento de coleta de dados um questionário, com 9 (nove) perguntas, nos quais, as identidades dos participantes foram preservadas na exposição dos dados.

Os entrevistados, responderam ao questionário que lhes foi entregue no formato impresso. Após a coleta de dados, as informações foram digitalizadas e convertidas em um gráfico onde são mostrados índices relativos a cada pergunta do questionário (ANEXO X) seguida de uma breve análise.

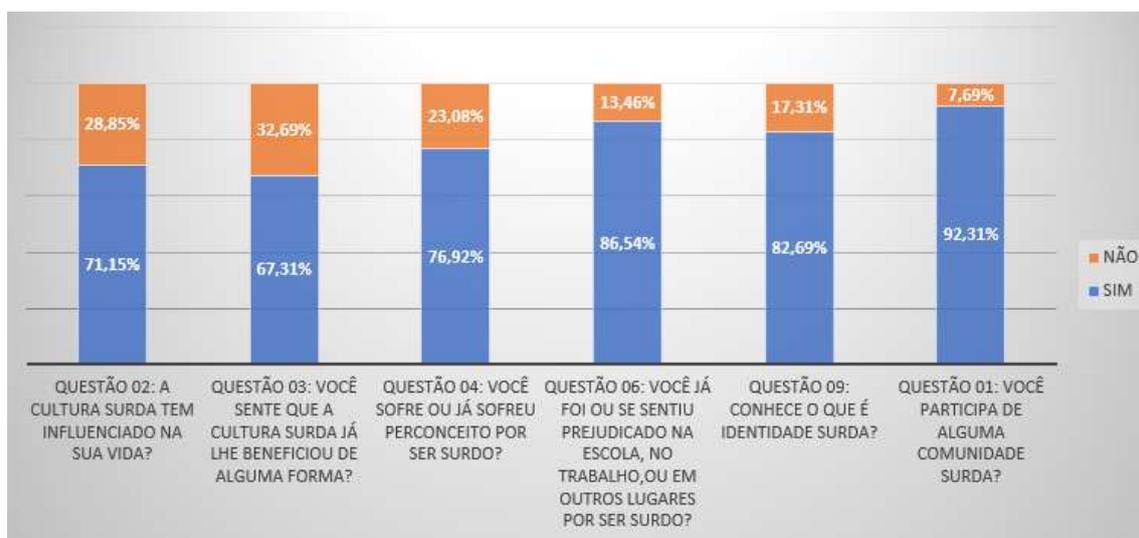
Assim, a pesquisa faz uma reflexão sobre a Comunidade e Cultura Surda para a educação dos surdos no Recife e tem como objetivo obter resultados que promovam melhorias educacionais para o surdo no contexto escolar.

Para a presente pesquisa, foram entrevistados 52 (cinquenta e dois) surdos, dos quais, alguns deles são formados em algum curso superior em diferentes instituições ou encontram-se cursando algum curso na área de educacional, tais como: pedagogia, letras/libras etc. e nos traz dados que nos remete a refletir sobre as questões que permeiam o campo da surdez, envolvendo seus elementos e componentes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

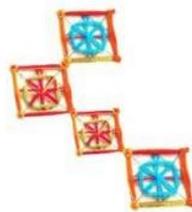
Antes de iniciar este item, vale salientar que os comentários são predominantemente subjetivos baseados na análise dos índices apresentados nos gráficos e experiências adquiridas no convívio com os surdos.

Gráfico 1



A Comunidade Surda é uma espécie de espaço onde se difundem a língua e cultura surdas. Essas comunidades estão espalhadas pelo mundo inteiro reunindo surdos e ouvintes que partilham do mesmo ideal de luta pela manutenção dos interesses de igualdade e acessibilidade dos surdos (MAGNANI, 2007 p. 3). Corroborando com o exposto anteriormente, o gráfico evidencia que 92,31 % dos surdos que responderam as questões participam de alguma comunidade surda. Isso mostra a importância que a comunidade surda tem para a pessoa surda, pois é lá que eles se reconhecem e podem exercer plenamente sua comunicação interação com as demais pessoas na sua própria língua com total liberdade.

Todos participamos de alguma cultura dentro da comunidade, quer seja em igrejas ou grupos de dança. A convivência com as pessoas desses grupos, fatalmente, exerce influência sobre nossa forma de pensar, de maneira que passamos a incorporar muito do que se presencia deste convívio e passa a fazer parte da nossa estrutura de formação intelectual. Na cultura surda não é diferente, como evidenciado na *Questão 02* onde 71,15 % dos questionados reconhecem que a Cultura Surda exerce algum tipo de influência na



sua vida, associada ou confundida principalmente a convivência contínua com outros surdos da Cultura.

Embora 67,31 % das pessoas responderam sim à *Questão 03*, esperava um número ainda mais expressivo com relação a este tópico, já que o movimento tem uma certa expressividade, especialmente entre os surdos. Entendo que os benefícios tenham sido maiores indiretamente, no sentido de os surdos terem mais visibilidade, maior representatividade e reconhecimento social.

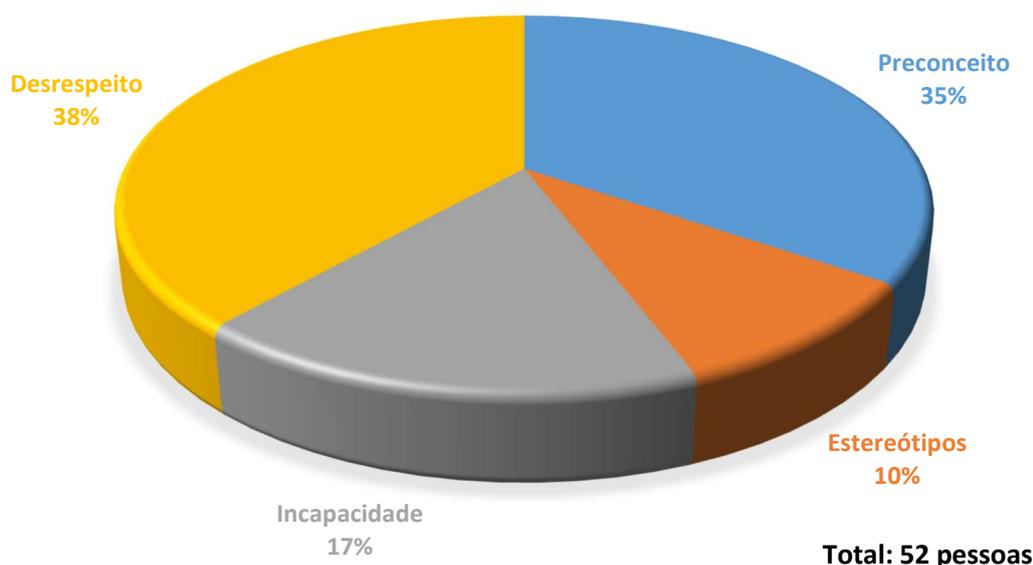
Com relação à *Questão 4*, expressivos 76,92 % informaram que ainda sofrem preconceito por serem surdos. Não entrei no mérito do tipo da ofensa recebida, mas seja ela qual for, é inadmissível que ainda exista este tipo de atitude, mesmo sendo um universo pequeno de pessoas que responderam ao questionário, este índice deveria ser bem menor, o que significa dizer que a comunidade urda ainda tem muito trabalho pela frente.

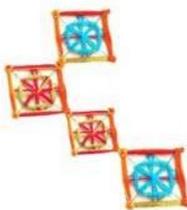
Na *Questão 06*, diria que 86,54 é um índice preocupante. Um surdo ser prejudicado na escola ou na faculdade pode significar que existe deficiência no quesito acessibilidade. Ser prejudicado no trabalho pode significar que deixou de ganhar alguma promoção por ser surdo, indicando um tipo de preconceito velado. Este índice indica que as políticas de acessibilidade e responsabilidade social não estão sendo aplicadas de maneira eficiente.

No índice da *Questão 09*, existe uma divergência e um fato interessante que serão explicados. Neste item, 17,31 % responderam que não sabem o que é identidade surda, mas na *Questão 10*, onde é perguntado qual a identidade surda que eles se identificam, 48 responderam, o que corresponde a 92,31 %, sobriam então 7,69 % que responderiam não. De fato, 17,31 % não sabiam o que é identidade surda, mas foi-lhes explicado no momento de responder ao questionário o que significado de cada uma delas, dando-lhes subsídios para a resposta. O fato interessante é que, dos 52 questionados, 4 não se identificaram com os tipos de identidades, mantendo-se abstinente.

Gráfico 2

QUESTÃO 5: DAS PALAVRAS ABAIXO QUAL MAIS INCOMODA?





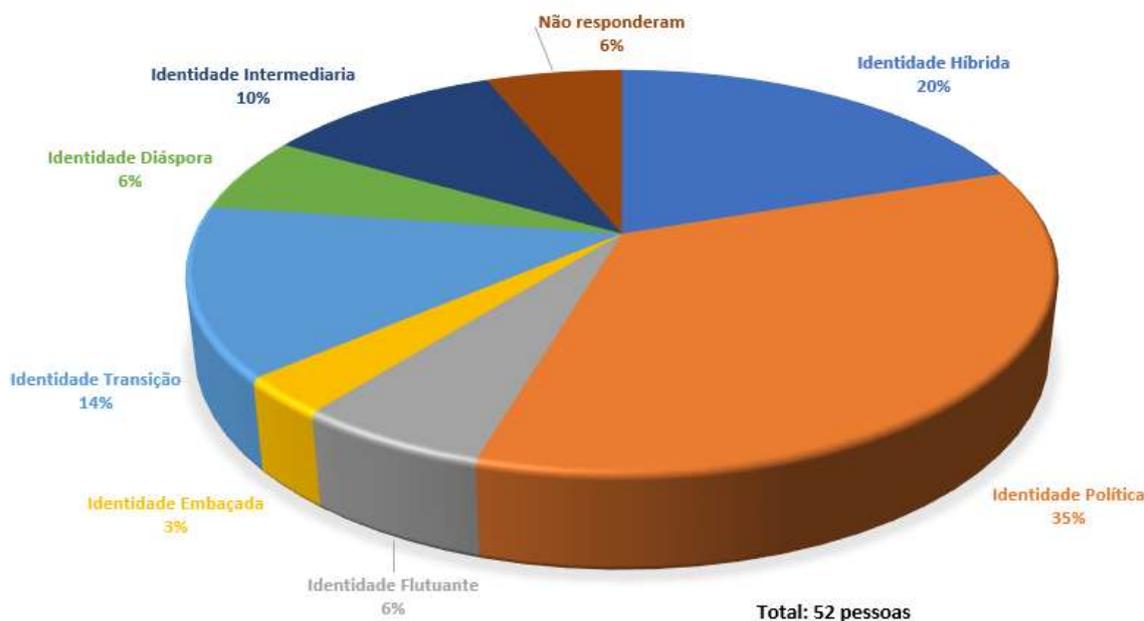
No Gráfico 2 onde consta a *Questão 5*, 38% e 35% dos surdos responderam que as palavras que mais incomodam são desrespeito e preconceito respectivamente. Muito embora o ensino no Brasil seja voltado para o respeito às minorias, os números indicam que o ainda é necessário um forte trabalho de conscientização neste sentido.

Gráfico 3



No gráfico 4 os números mostram que 46% do total responderam que a cultura surda proporcionou amizades. A maioria dos surdos nasce de pais ouvintes, que muitas vezes ou por falta de informação ou interesse, não aprendem libras. Obviamente o desejo de comunicar-se é saciado nas comunidades e culturas surdas onde todos falam a mesma língua. Nesse ambiente comum os vínculos de amizade inevitavelmente são formados. O fato de 8% das pessoas terem respondido “nenhuma das alternativas”, não quer dizer que a cultura surda não tenha lhes proporcionado algo, mas também pode significar que o que a cultura surda lhes proporcionou não estava entre as alternativas.

QUESTÃO 10: QUAL SUA IDENTIDADE SURDA?

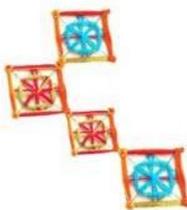


O destaque a Identidade Política no Gráfico 10 pode ter sido influência das eleições, pois a pesquisa foi feita no período das campanhas eleitorais, porém, a resposta da indica o engajamento, sobretudo, na defesa do bem comum da cultura, comunidade e identidade surdas. O surdo entende que as mudanças e melhorias são feitas através da política e que eles precisam estar inseridos no processo e exercerem o seu direito a democracia.

5. CONCLUSÃO

O desenvolvimento desse artigo se deu a partir do meu interesse em entender qual a importância e motivo da existência de uma Comunidade Surda, já que no Brasil, embora criadas com relativa recência, existem leis que abrangem esta parcela da população. As experiências que tenho adquirido na convivência com os surdos fazem-me perceber que o país está muito distante de garantir a plena acessibilidade. Por exemplo, em hospitais é improvável que se encontre alguém que faça intermediação entre o médico e o surdo e menos ainda que o médico saiba libras. Em restaurantes também não é diferente quando um surdo pede uma refeição, e nos bancos, quase impossível (se não for impossível) um atendimento eficaz. Talvez isso explique um pouco a necessidade de haver essas manifestações (cultura, identidade e comunidade surdas), como forma de compensação pela ausência do estado neste quesito, mas também, é claro, para que não se percam os direitos já adquiridos e que sejam conquistadas outras melhorias.

A cultura surda vem ganhando seguidores defensores da comunidade, pessoas dispostas a lutarem pelos direitos dos surdos, essa visibilidade que a comunidade surda sempre quis está chegando ao seu melhor momento, tendo em vista a redação do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) no ano vigente 2018, foi voltado exclusivamente para a comunidade surda com a seguinte temática; “Desafio para a formação educacional de



surdos no Brasil”, isso já é fruto de uma cultura que busca igualdade, e recrimina o preconceito.

O artigo nos mostra a importância da identidade e cultura surda, o que os surdos querem é seus direitos respeitados, a diminuição de preconceitos, é ter sua voz ouvida na sua língua (LIBRAS), a comunidade surda quer a quebra de estereótipos que os taxam todos os dias, eles querem mostrar a sociedade a capacidade que eles tem, de estudar, trabalhar, se divertir como qualquer outra pessoa. E de fato a cultura surda veio ganhando esse espaço e fortalecendo sua comunidade.

Percebemos que a identidade surda corrobora a personalidade da pessoa surda, ao entrar na comunidade surda e definir sua identidade entende-se que o surdo já sabe onde quer chegar.

REFERÊNCIAS

____ CARVALHO, Paulo Vaz ded. **História dos surdos no mundo**. Editora Surd’Universo. (ISBN 978-95254-4-1-2). Lisboa 2007.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa**; 1.ed. Parábola Editorial, São Paulo, agosto 2009.

GESSER, Audrei. **O ouvinte e a surdez**; 1. Ed. Parábola Editorial, São Paulo, agosto 2017.

GOMES, Anie Pereira Goularte. HEINZELMANN, Renata Ohison. **Cardernos Conecta LIBRAS**.1. ed. Arara Azul, Rio de Janeiro, 2015.

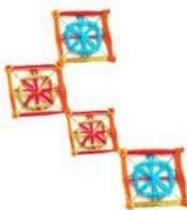
PERLIN, G. **O lugar da cultura surda**. In; THOMAS, A. da S.; LOPES, M. C. (Orgs.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISCISC, 2004.

Recanto Das Letras. **Estudo Histórico dos Surdos**;
<<https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/2835735>> Acesso em; 20. de agosto. 2018.

RIBEIRO Jr., W.A. **Aspectos reais e lendários da biografia de Hipócrates, o "pai da medicina"**. *Jornal Brasileiro de História da Medicina*, v. 6, n. 1, p. 8-10, 2003.

STROBEL, karin. **A imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. Ed. Santa Catarina: 2016.

Shields, Christopher, *"Aristotle"*, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2015 Edition), Edward N. Zalta (ed.)



SMITH, William. *"Philola'us"*. *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*. ed. (1870).

SANTOS, José Luiz dos, 1949- **0 que é cultura** / José Luiz dos Santos. São Paulo : Brasiliense, 2006. - - (Coleção primeiros passos; 110) 12ª reimpr. da 16ª. ed. de 1996. ISBN 85-11-01110-2 1. Cultura 1. Título. II. Série 07-5249 CDD- 306.4.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 5.ed. Porto Alegre: Mediação, 2011, p. 70.

SKLIAR, Carlos. **A Surdez. Um olhar sobre as diferenças**. 8. Ed. Porto Alegre: 2016.

IBGE e Ministério da Saúde, 21/08/2015

Portal Educação. **A História de Educação dos Surdos;**

<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/historia-da-educacao-de-surdos/65157>> Acesso em; 15. Agosto. 2018.

William Oster, *The Principles and Practice of Medicine: Designed for the Use of Practitioners and Students of Medicine*. 1928.